

FERNANDO GABEIRA

# Onde está tudo aquilo agora?

*Minha vida na política*

Copyright © 2012 by Fernando Gabeira

*Grafia atualizada segundo o Acordo Ortográfico da Língua Portuguesa de 1990, que entrou em vigor no Brasil em 2009.*

*Capa*

Alceu Chiesorin Nunes

*Imagem de capa*

Copyright © by Pedro Garrido

*Preparação*

Márcia Copola

*Checagem*

Valéria Copola

*Revisão*

Ana Maria Barbosa

Adriana Cristina Bairrada

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)  
(Câmara Brasileira do Livro, SP, Brasil)

---

Gabeira, Fernando, 1941-

Onde está tudo aquilo agora? : minha vida na política /  
Fernando Gabeira — 1ª ed. — São Paulo : Companhia das Letras,  
2012.

ISBN 978-85-359-2198-4

1. Brasil - Políticos - Biografia 2. Gabeira, Fernando, 1941 - l. Título.

12-12668

CDD-320.092

---

Índice para catálogo sistemático:

1. Brasil : Políticos : Biografia

320.092

[2012]

Todos os direitos desta edição reservados à

EDITORA SCHWARCZ S.A.

Rua Bandeira Paulista, 702, cj. 32

04532-002 — São Paulo — SP

Telefone (11) 3707-3500

Fax (11) 3707-3501

[www.companhiadasletras.com.br](http://www.companhiadasletras.com.br)

[www.blogdacompanhia.com.br](http://www.blogdacompanhia.com.br)

# 1.

No momento em que escrevo, ainda estou vivo. Quero dizer que não esgotei meus papéis históricos. Cinquenta anos de vida pública. Não pretendo concluir, apenas fechar um ciclo. “O passado é um país estrangeiro, fazem coisas estranhas por lá”, escreve L. P. Hartley no romance *O mensageiro*. Concordo somente com o final: “fazem coisas estranhas por lá”.

Avenida Garibaldi, 407, Juiz de Fora, Minas Gerais. Nasci ali, em 17 de fevereiro de 1941, perto do rio Paraibuna. Só fui me interessar pela saga dos Garibaldi, as batalhas de Giuseppe, o sofrimento de Anita, quando se comemoraram os duzentos anos de nascimento do herói italiano. Tarde demais. Digo isso porque Pedro Nava, que se lembra de tudo, afirmava que nosso lado da cidade era o mais avançado politicamente.

Juiz de Fora era cortada pela rua principal, a Halfeld, que descia do morro do Imperador até a estação de trem. Do lado direito da Halfeld morava, segundo Nava, “toda uma estrutura social bem-pensante e cafarmenta que, se pudesse amordaçar a vida e suprimir o sexo, não ficaria satisfeita”. Entregues a si próprios, ga-

rante o velho escritor, forrariam o espaço de lâ e caiariam a natureza de ocre.

Vivi do lado esquerdo da cidade. Para Nava, o lado mais alegre, menos moralista, mais revolucionário. Éramos os guelfos contra os gibelinos, facções políticas que lutaram uma contra a outra na Itália desde o século XII. Os guelfos eram mais democráticos e racionalistas. Um dos grandes líderes guelfos mineiros foi Duarte de Abreu, que deu nome à minha primeira escola pública. Duarte de Abreu ganha uma única menção no livro de Nava: excelente pessoa, péssimo político.

Assim como a história dos Garibaldi, a de Duarte de Abreu nunca me interessou. Há sempre a tentação de vasculhar a infância em busca de sinais de predestinação. Não funciona no meu caso. Para dizer a verdade, eu não via a cidade dividida por uma rua — havia tesão em ambos os lados, impulsos repressivos em ambos.

Nasci sob as tempestades de alto verão. Meu pai saía de casa de canoa para buscar o que nos faltava. Faltava pouco. Vivíamos nos fundos do armazém de secos e molhados. “Molhados”, creio, era uma alusão à cachaça, que os fregueses tomavam fazendo careta, estalando os lábios e cuspendo. Despejavam um pouco da bebida no chão e diziam que era para o santo, sem nomeá-lo.

Da primeira infância, há poucos relatos familiares. Tive quebradeira e fui operado para alinhar os testículos, pois só se podia corrigir o problema com cirurgia. Da guerra, lembro-me somente de uma cobra fumando, símbolo das forças brasileiras. “A cobra vai fumar” anunciava uma situação de conflito, de confusão iminente, assim como “A vaca vai para o brejo” descrevia o fracasso. Eu não entendia o poder daquela cobra; pode ser que estivesse na fumaça que derrubava soldados inimigos pelos campos estrangeiros. A cobra talvez fumasse um mata-ratos daqueles, um Saratoga, o mais barato do nosso armazém.

As chuvas de fevereiro inundaram as margens do Paraibuna.

Nossa casa era a um quilômetro do rio. Imagino que a zona boêmia, onde moravam as putas mais populares, praticamente submergiu. Imagino também que ficaram secos apenas os paninhos que dormiam nos varais, depois de cada noite. Não se usava papel higiênico. Isso veio muito mais tarde, não sei quando. Nava talvez soubesse, mas morreu sem que eu pudesse perguntar a ele.

As putas da rua Henrique Vaz estavam sempre entre nós. Vinham pelas compras no armazém mas também pela farmácia, onde o sr. Moacir aguardava com uma seringa; lançava algumas gotas no ar e então penetrava o braço; apontava a seringa como se aponta um canhão, secando secreções, mandando para o espaço gonorreias, cancros, galos e doenças mais raras. Sem ele, seríamos devastados; aliás, sem ele e sua poção mágica, a penicilina.

Nascíamos com a ajuda de parteiras, mulheres de condição modesta. Éramos educados para agradecer a elas por nos terem trazido ao mundo. Meu pai tocava seu comércio com sensibilidade para o humor dos clientes, observando a escalada etílica, a alteração das vozes arrastadas, a troca de insultos. No momento exato, empurrava todos para fora do armazém, fechava a porta e entrava para descansar. Isso evitava quebra-quebra, mas um copo estilhaçado, um saco de arroz aberto derrubado sempre faziam parte do negócio.

Tanto na guerra como nas paixões políticas posteriores, meu pai navegava incólume entre os bêbados. Não consumia uma gota de álcool e tomava precauções. Jamais dizia por quem torcia no futebol; quando o pressionavam, mencionava o nome do último colocado na tabela, e isso os apaziguava. Vivia cercado de trabalhistas e era de um partido liberal, a UDN, União Democrática Nacional, que fazia oposição a Getúlio Vargas. Tinha simpatia pelo brigadeiro Eduardo Gomes, opositor de Vargas, que usava o cabelo liso penteado para trás, como o dele, e era solteiro e casto, quase como ele, que se casou a conselho da mãe e nunca teve romance fora de casa.

O brigadeiro era bonito e solteiro, e ia nos salvar da anarquia barulhenta; meu pai se limitava a despachar os bêbados na hora certa, anotar as contas nos cadernos e suspirar ante a ingratidão dos maus pagadores. Era preciso criar a família, mandar os filhos para a escola.

Chamávamos escola pública de grupo escolar. Era estranho andar de uniforme, bem como calçar sapatos por um tempo mais longo. Mais estranho ainda era deixar a casa, levar dela apenas os cadernos e a merendeira, lembrar de sua existência pelos odores de mortadela e manteiga que atravessavam o grosso papel pardo com que se embalavam os sanduíches.

A casa ficava numa esquina. Uma parte dela pertencia à avenida Garibaldi, a outra parte à rua Vitorino Braga. Era irregular por dentro e cheia de gatos. Nosso pai nos ensinava a tratá-los bem, tinham a missão de combater os ratos. No mesmo quarto, nos fundos, dormíamos eu, meu irmão mais novo, Paulo Sérgio, e minha avó materna. Esse formato de casa permitiu um fato extraordinário: um caminhão desgovernado virou a esquina e invadiu ruidosamente o nosso quarto. O motorista, um tal de Jerônimo, havia tomado algumas cachaças no armazém, saiu pela porta da frente, ligou seu caminhão, perdeu o controle do veículo na curva e entrou na porta dos fundos. Um susto que seria lembrado para sempre.

Os sanduíches não me tornaram popular entre os colegas. Ao contrário, apanhei bastante ao tentar defendê-los. Eram sempre os mesmos agressores e meus pais até pensaram em me trocar de escola. Vivíamos na rua grande parte do tempo: não havia nada que os pais pudessem fazer. Aprendi a resistir, brigava muito e acabei conquistando o mínimo de paz para seguir na rua. Eram brigas por qualquer coisa, para fazer vingar a lei do mais forte.

As lembranças da escola são muito remotas. O que resta na memória é a atmosfera em torno dela. Tomávamos refresco de

groselha no armazém do sr. Menta e roubávamos jabuticaba na chácara do Turco. Éramos combatidos com tiros de sal, disparados pela espingarda dos empregados da chácara. Quando acertavam, deixavam nossas nádegas em situação miserável.

Era possível sair da escola e voltar para casa sem usar a rua, apenas trilhando os caminhos de um morro, onde havia pássaros, goiaba silvestre e alguns cavalos. Cortávamos cipó para servirem de rédeas e montávamos nos cavalos em pelo. Às vezes era difícil disfarçar as cavalgadas, porque voltávamos cheios de carrapichos. Alguns meninos traçavam as éguas, que com o tempo até se encostavam no barranco quando eles se aproximavam. “São viciadas”, diziam.

Qualquer ideia de política ainda estava longe de nós. O morro era nosso espaço preferido. Espinhos e carrapatos, os adversários mais temidos. Carrapatos eram mais que parasitas. Infundiam um grande medo simbólico ao se colocarem na extremidade do pênis. Com o inchaço, éramos obrigados a ficar dois dias de camisola dentro de casa, para evitar o contato da calça com a parte atingida. Passávamos o tempo na janela, mascarando a ridícula posição.

Talvez houvesse um aprendizado de política quando se organizavam os times de futebol no morro. Como acontece até hoje, e não só em Juiz de Fora, os dois garotos que tiravam o par ou ímpar escolhiam a equipe. Tinham algum poder sobre os outros. Embora todos jogassem, alguns não eram chamados pelo nome. Sempre chegava um momento em que paravam de escolher por nomes e simplesmente concordavam em dividir os restantes pelos dois lados. Era natural, pois, que os que ficavam para o final entrassem no jogo com menos moral que os outros. Havia também o dono da bola, sua presença dominante. A qualquer momento poderia ir embora e, com ele, o jogo de todos. A regra tácita era não contrariá-lo.

Eu me saía bem e era um dos primeiros a serem selecionados. Mas o adversário sempre escolhia aquele que melhor me marcava:

Jacó, um galego maior que eu e mais pesado que jogava com as calças arregaçadas até o joelho. Era muito eficaz na marcação, nulo no ataque. Às vezes continuávamos a bater bola na rua e à tarde nosso jogo era interrompido pela voz de sua mãe: “Jacó, Jacozinho, vem tomar café com pão e manteiga São Fidélis”.

A política apareceu um pouco mais tarde e nem cheguei a entendê-la. Havia eleições na cidade e os candidatos invadiam nosso bairro com maços de cédulas. Davam um trocado aos garotos para que as distribuíssemos entre os eleitores. Montei um caixote na rua, dispondo sobre ele várias alternativas de cédula. Ganhei algumas notas e passei o dia com elas entre os dedos. Mais importante que o dinheiro era poder mostrá-lo assim, entre os dedos, como faziam alguns jogadores de ronda, um jogo de azar que consiste em apontar uma carta certa entre as três dispostas na mesa.

Apenas um candidato falou comigo. Era simpático e resolvi torcer por ele. Perdeu. Chamava-se Wandenkolk Moreira, e voltei a encontrá-lo anos depois. Como jovem jornalista, eu fazia oposição justamente ao homem que o derrotara. O homem passou a derrotá-lo sempre, acho eu, pois houve novas disputas entre os dois. Tratava-se de um confronto que mais tarde eu veria em muitas eleições no Brasil. Wandenkolk era um advogado criminalista, com algum prestígio na classe média, e seu adversário um populista que se apresentava como o pai dos pobres, visitando os distritos mais afastados e usando a máquina administrativa como alavanca eleitoral. Seu nome era Olavo Costa, e o seu partido o PDS, o mesmo de Juscelino Kubitschek. O partido era dominante em Minas e a oposição tinha juristas importantes como Milton Campos e Pedro Aleixo.

Tudo isso compreendi mais tarde. A passagem da política por nossa rua não deixou marcas. Vivíamos entre tecelões, desempregados, biscateiros, prostitutas, gigolôs. A mais importante aparição foi a de Raul, um artista de circo que representava Cristo e todos os grandes papéis, como, por exemplo, o do camponês que



arrancava o coração da própria mãe para dá-lo à amante. “Disse um campônio à sua amada, minha idolatrada, diga o que quer”; os versos flutuavam sob a lona.

Jogávamos num campo de futebol próximo ao circo. Um dia, Raul se aproximou para assistir e, no final, me disse: “Você joga com alma, procure fazer tudo na vida assim”. Meu pai não achava que eu trabalhava com alma no armazém e decidiu que eu sairia todos os dias, balaio no braço, vendendo bananas e ovos. Foi o que fiz durante algum tempo, às vezes sentando entediado no meio-fio, sonhando com as brincadeiras que a nova missão me fazia perder.

Começamos, nessa época, uma fase de travessuras que terminou com um susto. Usávamos uma lata d’água apoiada no muro da escola, ligada ao poste da rua por um fio quase invisível. As pessoas batiam com o peito no fio, a lata caía sobre elas e nós ríamos de longe. Uma arte que mais tarde vi no filme *Meu tio*, de Jacques Tati, e ri como se fosse um menino. Éramos arteiros e um dia jogamos pedras no teto de zinco da casa de um homem chamado Arlindo. Ele foi à polícia, que nos convocou a depor.

Meu pai era um homem paciente. Ele me levou até o delegado, que apenas fez algumas perguntas e me liberou com a promessa de que aquilo não se repetiria. Confesso que senti muito medo; quando saímos, meu pai parou num bar e me ofereceu uma soda, limitando-se a olhar em silêncio para mim. No final, disse: “Vamos pra casa, acabou”. Fiquei grato a ele. Esperava uma repreensão pesada. Os outros também foram repreendidos pelo delegado, um de cada vez. Hesitamos por algum tempo antes de nos juntarmos para novas travessuras, bem mais leves que aquela.

A política reapareceu quando comecei o curso ginásial numa escola particular. (“Não temos dinheiro, mas faremos um sacrifício, pelo menos uma boa educação aos filhos, essa a nossa herança” — era a tese dos meus pais.) Organizei um movimento que culminou com a queda do professor de matemática. Éramos

péssimos na matéria e pensamos que o problema fosse apenas do professor, um homem que usava as calças bem altas, como que puxadas por suspensórios invisíveis.

O instrumento para derrubá-lo era um abaixo-assinado. Dizia que não aprendíamos matemática porque ele explicava mal. Não era preciso convencer ninguém de sua necessidade. Mas e se ele não caísse? Como ficaríamos? Essa era a dúvida, esse era o medo. A saída que encontrei foi fazer cada um jurar que não voltaria atrás, pois, se ninguém desistisse, nossa vitória era certa. E foi. O professor de desenho veio substituí-lo. Avançamos um pouco na matéria. A responsabilidade da vitória fez com que nos esforçássemos, para demonstrar que tínhamos razão. Aquilo nunca havia acontecido na história do colégio. Estavam de olho em nós.

A queda do professor de matemática foi apenas um ato inaugural. No movimento estudantil, os primeiros moinhos eram os bondes elétricos; os primeiros inimigos, os tubarões do ensino. A cada aumento de bonde, uma tentativa de quebra-quebra; a cada aumento da anuidade escolar, uma ruidosa greve.

Não era somente um menino treinado na rua quando entrei na escola particular. Já começara a tomar gosto pela leitura, não tanto pelas palavras mas pela promessa sensual de alguns livros. Li um romance de Gilda de Abreu buscando contorno de pernas, escravas de seio de fora. Mais tarde soube que ela era mulher de Vicente Celestino, o intérprete e compositor da canção “Coração materno”, o que disse à sua amada, sua idolatrada etc.

Corria entre os mais velhos que havia cenas de sexo no romance *Presença de Anita*, de Mário Donato. Não se falava assim na época, cenas de sexo eram cenas de sacanagem. Tentei desbravá-lo, mas o texto me derrotou sem que eu conseguisse chegar ao que importava. O gosto por ler, no entanto, tinha se instalado na garupa do interesse sexual. Não houve propriamente uma literatura infantil no meio do caminho.

Passei a ler tudo o que me caía nas mãos. Às vezes me fechava no banheiro. Meus pais não se interessavam tanto pelo conteúdo dos livros, mas, quando alguém se fecha no banheiro para ler, coisa boa não é. Batiam na porta com intervalos que se faziam cada vez menores.

Em casa, talvez nossa mãe fosse a única a se dar conta das mudanças no meu comportamento. Ela estudara num colégio de freiras, no lado direito da rua Halfeld, e lá as alunas tomavam banho de camisola para não verem o corpo nu. Em nossa casa havia vestígios de sua passagem pelo Stella Matutina: um imenso piano e alguns quadros que ela pintou, com pardais pousados num galho de árvore.

Um dia perguntei a ela se podíamos oferecer um almoço para cinco estudantes. Eles tinham acabado de ser expulsos do colégio protestante Granbery, onde eu também estudava. Iniciavam um movimento para ver se escapavam da degola. Foram expulsos, segundo eles, porque faltaram ao sermão diário que se fazia no pátio, com a presença de todos os alunos. Disseram que foram à missa, e jamais pude saber exatamente se aquilo não era apenas uma desculpa para transformar a falta num embate entre católicos e protestantes e assim ganhar alguma simpatia. Eles se sentiram protegidos e confortados no almoço. Sem discursos, minha solidariedade era natural, pois eu costumava escapar dos sermões católicos desde cedo; fugir de sermões, não importava de que confissão viessem, era tão natural como comer goiabas ou voltar para casa quando a chuva nos surpreendia no alto do morro. Dias depois, também fui expulso por indisciplina.

Aquela falsa questão religiosa, em tese, tinha tudo para acender uma centelha em nossa casa. Nossos avós maternos e paternos vieram do Líbano, escapando de guerras santas. A avó materna tinha uma cruz tatuada na testa, outra no pulso. No entanto, mãe viu naquilo somente um apoio a amigos em dificuldade. O

colégio era muito bom, e seu reitor, um norte-americano alto de cabelos brancos, mr. Moore, uma lenda. Andava pelos corredores recolhendo pedaços de papel do chão e levando-os para a cesta de lixo. A escolha de um colégio protestante mostrava que a família buscava apenas qualidade de ensino, já que as escolas protestantes eram consideradas melhores que as demais.

A expulsão foi uma espécie de divisor de águas. Todas as fichas eram jogadas na nossa educação. Minha irmã mais velha, Marisa, saía-se bem em suas provas e avançava com firmeza no projeto de ser advogada. Já eu, bem, eu era uma incógnita. Jamais tinha me declarado na luta entre liberais e trabalhistas, entre direita e esquerda. Aquilo nos envolvia, mas parecia natural, como a neblina de inverno que envolve a cidade construída no vale.

Um marco na história do país foi o suicídio de Getúlio Vargas, em agosto de 1954. Getúlio era considerado o pai do trabalhismo no Brasil, e sua morte foi tema de muitas manifestações e debates. Não me lembro de ter participado. Ao contrário, senti a morte como um alívio, pois as aulas foram suspensas e teríamos um dia livre. Foi como se o bom velhinho sáisse da vida não para entrar na história, como diz em sua carta de despedida, mas para nos oferecer um feriado escolar.

De repente, me vi na estação central com roupa limpa e passada e uma maleta. Estava sendo enviado a um colégio interno em Rio Novo, uma pequena cidade que ficava a cerca de três horas de Juiz de Fora. Meu problema era indisciplina, incapacidade de obedecer a ordens, cumprir horários. E um pouco de atrevimento, pois escrevia frases sem nexos nas composições, como uma espécie de protesto contra os temas que me pareciam muito formais.

Não tinha um guarda-pó para me proteger da fuligem, mas

isso era o de menos. Não havia proteção contra a saudade antecipada das ruas da infância, dos amigos que ainda restavam ali. O trem passava pelo nosso bairro, eu corria de um lado para outro para ver a paisagem: de um lado os trilhos do bonde, de outro o curso do rio, na sua decantada missão de banhar a cidade. “Eu tenho uma pena do rio Paraibuna, não pode deixar de passar em Juiz de Fora”, disse, certa vez, um grande poeta nascido na cidade, Murilo Mendes. Pois, naquele momento, eu invejava o Paraibuna porque não só passava pela cidade, como avançava rumo ao Rio de Janeiro, lugar do meu sonho.

Minha família tentava pôr minha vida nos trilhos. Para meus pais, um colégio interno, dirigido por padres, seria o ideal para corrigir estudantes indisciplinados da cidade grande. Ilusão, pois a maioria esmagadora dos estudantes vinha da elite de pequenas cidades, em busca de ensino melhor, e não de um corretivo.

Naqueles dias sonhava apenas com a volta do trem resfolegando pelas estradas da Zona da Mata, soltando fumaça. A única maneira de sobrevivência num colégio de padres incrustado numa cidade minúscula era tornar-me um pouco mais introspectivo, escrever. Já não me importava muito com a qualidade dos professores ou da própria escola; iria reter o que me interessava, esquecer o supérfluo, buscar nos livros o que me fazia falta. Cheguei mesmo a iniciar um romance, sem ter nenhuma ideia de como desenvolvê-lo. Restou o título, inspirado em algo que vi numa história em quadrinhos: “O céu sobre nós”. O romance seria vivido numa estação de trem, a meio caminho de casa para o colégio. E aconteceria nas férias, com as pessoas tocando violão ao luar, namorando. Nas férias, meninos e meninas dividiriam o mesmo espaço, longe da pressão paterna, da rígida divisão dos internatos.

O romance não escrito prenunciava a base do conflito com a nova escola. Cercada por um muro de quase dois metros, era

possível fugir dela em certos momentos noturnos. Eu escapava para me encontrar com uma mulher que viera de uma cidade maior e que tinha um quarto próprio. Fui descoberto em plena escalada do muro pelo secretário do colégio, um homem chamado Ernesto, cuja casa, do outro lado da rua, ostentava acima da porta de entrada a inscrição “O sol nasce para todos”. O secretário passava as noites na varanda, mas disso eu não sabia.

Até então eu me envolvera em poucos problemas disciplinares, questões de horário, de silêncio, mas aquele foi decisivo. Fui chamado pelo padre diretor, um homem alto, pálido, com óculos de aros negros, por quem muitas fiéis suspiravam. Lembro que falou sobre a tentação, sobre o que fazer quando ela aparecia diante de nós, e concluiu: “Fuja, fuja dela”.

Não houve rompimento. Prometi que não pularia mais o muro para encontrar Cida, a mulata bonitinha, dentuça, que trabalhara numa cidade grande e agora estava em Rio Novo. Mas creio que tanto eu como ele sabíamos que aquela promessa não tinha futuro. Fugir para onde, quando a tentação na forma de curvas acentuadas me alcançasse na penumbra de um modesto quarto? Não tinha a força moral de um padre, ainda mais à noite, sozinho numa cidade do interior. O que restou da nossa conversa foi a decisão de buscar outra escola, sem que houvesse expulsão. Sairia espontaneamente, depois de um tempo não muito definido. E, a partir de então, cada movimento no colégio era uma despedida, era esse olhar que lançamos às coisas que vamos deixar para trás, esse olhar que lançamos às coisas que na verdade já ficaram para trás mas continuam aí, descoladas de nós.

Quando fiz a última viagem de volta, trazia apenas alguns elogios da professora de português, a lembrança da saia justa e do cinto apertado de Lili, professora de geografia, “o Nilo banha o Egito”, e a sensação de que, se o professor de matemática continuasse a emagrecer, seria levado pelo vento. Foi dessas viagens em

que a maria-fumaça resfolegou como sempre, mas pareceu saudar com prazer o caminho de volta.

Eu não tinha escrito mais que algumas linhas do romance, mas, felizmente, lera vários. Voltava para iniciar, de fato, minha vida, sempre dividido entre dois caminhos. Na verdade só a literatura contava, no máximo eu me permitiria uma incursão pelo jornalismo. A política ficou esquecida naquele ano de internato: não havia como exercitá-la, não me ocorreu em momento algum que estivesse diante dela: só havia um difuso desejo de liberdade. Não era apenas o retorno à cidade natal. Eu ficaria mais perto do meu objetivo: o Rio de Janeiro. Agora havia mais romances disponíveis, e sobretudo a banca de jornal, que também recebia as revistas do Rio. Eram todas importantes para mim, mas uma me impressionou especialmente: chamava-se *Senhor* e era mensal. Eu era o primeiro a comprá-la, às vezes procurava por ela antes mesmo de ela chegar.

Eu a lia na mesa de mármore do Bar Astória. Era possível rabiscar o tampo com anotações a lápis, que o Barreto apagava com um pano úmido ao retirar as xícaras. Através da *Senhor* tive a oportunidade, entre outras, de conhecer os contos de Clarice Lispector, *O urso*, de William Faulkner, e a até então inédita novela de Jorge Amado, *A morte e a morte de Quincas Berro Dágua*. Não era somente uma revista com bom conteúdo; era lindamente diagramada pela designer Bea Feitler, que se mudou para Nova York e fez uma bela carreira nos EUA. Com apenas 25 anos, foi uma das diretoras de arte da *Harper's Bazaar*, trabalhou na *Rolling Stones*, na *Vanity Fair* e também numa revista, *Ms. Magazine*, voltada para a liberação da mulher. Morreu aos 44 anos, de câncer, ainda no auge da carreira.

Antes de me concentrar em literatura e jornalismo, houve a passagem pela política estudantil. Na volta de Rio Novo, aproximei-me da organização de estudantes secundários e tornei-me

secretário-geral. Coube a mim projetar e liderar uma greve contra os tubarões do ensino. Houve um aumento de mensalidades, o que nos deu o pretexto para o movimento. A greve não fracassou de todo nos primeiros dias porque fechamos alguns colégios com cadeados de ferro. Confiávamos tão pouco na adesão espontânea que, além dos cadeados, fazíamos piquetes na porta de algumas escolas.

Ivanir Yazbeck foi um bom aliado nessa greve. Ele, além de artista gráfico, hoje é escritor de livros juvenis e continua morando em Juiz de Fora. Estivemos juntos em outras aventuras. O cinema popular, dos irmãos Carriço, que eram proprietários de casas de espetáculos e produziam um cinejornal com as notícias da semana, programou um filme pornográfico, às dez da noite. Fomos barrados por causa da idade. Corri em casa e voltei trazendo a Constituição da minha irmã, a estudante de direito. Com o texto da lei debaixo do braço, exigi que nos deixassem entrar. Ficaram furiosos, mas acabaram cedendo. A coisa toda era ilegal, não queriam confusão. O texto constitucional não dizia nada a respeito de menores poderem assistir a filmes pornográficos: eu me apoiava apenas na tese de que todos são iguais perante a lei.

Não me lembro se os nossos pedidos foram atendidos na greve. Alguma coisa maior aconteceu comigo. Fernando Zerlotini, editor-chefe do semanário *Binômio*, um jornal de oposição a todos os governos — nacional, estaduais e municipais —, fez uma entrevista comigo, achou que eu poderia ser jornalista e me convidou para trabalhar. Para surpresa dele, não apenas aceitei, mas abracei a proposta com entusiasmo: acabara de ler um livro sobre jornalismo, de Fraser Bond, e tinha muitas ideias para modernizar a linguagem.

Esse livro eu havia encontrado na Livraria Zappa. Trazia coisas que chocavam meu humanismo juvenil: a morte de um cachorro na nossa rua é mais importante que um terremoto na China, por exemplo. Mas o mais interessante era a novidade, para



mim, do *lead*, o primeiro parágrafo das matérias. Precisava responder a cinco perguntas: o quê, como, onde, quando e por quê. A ideia era transmitir o essencial logo no primeiro parágrafo, pois os leitores modernos nem sempre tinham tempo de ler todo o texto. Além disso, Bond nos ensinava a organizar um texto, começando pelo mais importante e prosseguindo em escala descendente até os detalhes mais secundários. Pirâmide invertida, era essa a forma que nos propunha.

Já havia nos jornais do Rio alguma inquietação em busca de um texto mais moderno. Perseguia-se uma objetividade maior, matando o famoso nariz de cera. Nunca mais se escreveria, por exemplo: “A vida às vezes nos reserva momentos trágicos, como o vivido pelo sr. Ernesto Padovani ao atravessar a rua e ser colhido por um lotação que se dirigia a Copacabana”. O nariz de cera não era a única vítima. Começou também uma verdadeira caçada aos eufemismos: quem morre morre, não falece; hospital não é nosocômio; precioso líquido uma ova, é água.

Portanto, eu já estrear no jornalismo cheio de ideias sobre como transformá-lo, e levei alguns anos para mandar para o espaço as regras de Bond. O início foi fácil por outra razão. Por minha conta, estudara datilografia. E as máquinas Remington do *Binômio* eram muito mais leves do que as imensas máquinas IBM negras do aprendizado.

Depois das primeiras reportagens, o jornal me ofereceu uma câmera Rolleiflex 4×4. Era prateada, cabia na mão e me colocava novos problemas, para os quais nem Bond tinha respostas. Como contar uma história com imagens? Aprendi quase sozinho, mas também aí a imprensa americana me serviu de inspiração. Designado para uma reportagem num vilarejo do norte de Minas, não conseguia imaginar como narrar com fotos aquilo que um texto diria se tratar de uma cidade infestada pela doença de Chagas. O coração do sujeito infectado ia inchando e subitamente parava.

Lembro que, ao tratar do tema numa revista, Roberto Drummond deu o título: “Aqui se morre como um passarinho”.

Nessa missão, conheci uma dupla norte-americana do *Saturday Evening Post*. Chegaram de táxi-aéreo e ficaram contentes de encontrar um garoto que falava inglês. Eu havia estudado no Instituto Brasil-Estados Unidos, e além disso conversava com os mórmons que tentavam nos catequizar.

Em troca da minha cooperação, o fotógrafo, que era um homem alto, de bigode, e vestia um colete cáqui, também me ajudou muito, descrevendo o seu trabalho. “Agora”, dizia ele, “vou fazer o *establishment shot*.” Subimos no morro onde ficava o cemitério, e ele fez uma foto do vilarejo com as cruzeiras em primeiro plano. Era uma forma de iniciar a história. E lá estava eu, depois do *lead* de Bond, aprendendo um pouco sobre um equivalente visual daquelas famosas cinco perguntas.

Os americanos foram embora no fim da tarde, deixando uma nuvem de poeira no ar. Quem iria dormir naquelas casas pobres, correndo o risco de o barbeiro surgir das paredes de barro? Com minha pequena câmera, fotografei um homem de barba negra, esquelético com sua camisola de doente, vivendo uma crise respiratória; tudo isso à contraluz, o que reduziu a nitidez mas aumentou o drama.

Presidente, governador e prefeito eram torpedeados pelo *Binômio*. O presidente, Juscelino Kubitschek, tinha por objetivo fazer o país avançar cinquenta anos em cinco. Ele venceu o candidato da UDN, Juarez Távora, e tinha como aliadas as forças getulistas. Távora já era um personagem da história do Brasil. Havia participado de um movimento de tenentes contra o presidente Epitácio Pessoa, em 1922, que ficou conhecido como os Dezoito do Forte; depois disso, lutara na Coluna Prestes. Mas não tinha condições de enfrentar Juscelino e a força dos trabalhistas, com muito mais presença nas áreas populares.

Juscelino era um homem simpático, quase inalcançável para o nosso jornal, pois a repercussão do semanário raramente ultrapassava os limites de Minas. Não me interessavam tanto os temas políticos convencionais. Nosso setor era outro. Eu buscava histórias humanas, gostava de construir *leads*, elaborar o texto para provocar emoções. O romance, que para muitos dos jovens jornalistas era o objetivo supremo, não me abandonara. Mas nas rodas noturnas de chope falávamos muito de técnica de jornal; para os não jornalistas éramos uns chatos, mesmo antes do terceiro copo.

Com todas as suas limitações, o *Binômio* era um jornal moderno, excelente escala para a estação Rio de Janeiro. No fim da década de 1950, resolvi fazer uma tentativa. Não era apenas um destino profissional: havia a atmosfera, as pessoas, e o mar, que eu tinha visto somente uma vez, quando menino. Tomei um ônibus com meu tio e fomos assistir a uma partida no Maracanã: Brasil × Paraguai. Ouvia jogos pelo rádio, não conhecia ainda a energia da multidão gritando. No encontro com o mar tinha dito para mim mesmo: “É aqui”. Imerso na multidão, reafirmei meu sonho de morar no Rio. Era muito bom sentir a existência real de um lugar onde eu seria feliz.

Apesar da pouca experiência, enchi a mala com todas as minhas coisas, algumas roupas, livros e, com o dinheiro do salário, parti da estação rodoviária pensando que era para sempre. No Rio, consegui um quarto de pensão em Botafogo e decidi que no dia seguinte iria à redação do *Jornal do Brasil*.

O jornal ficava num prédio de fachada cinzenta, seus elevadores eram velhos e, felizmente, não havia, naquele momento, nada parecido com política de segurança em relação a visitas. Entrei na redação com facilidade, perguntei quem estava chefiando; me aproximei de um homem de rosto redondo e disse que era jornalista e queria trabalhar ali. Trazia alguns recortes com textos assinados, mas ele não me pediu para ler. Olhou-me surpreso e

com boa vontade, e disse, de forma tranquila e, para mim, estimulante: “Se você é jornalista, garoto, senta e escreve um texto”. Era Araújo Neto, que mais tarde iria se fixar na Itália como correspondente do *JB*.

Olhei a máquina cinza na mesa vazia e fui direto até ela, lembrando-me de Antônio Me-Abraça, personagem de minha cidade, que gritava, no *bookmaker* da rua Halfeld, quando o rádio anunciava que o cavalo de sua preferência corria na ponta: “Só perde se quebrar a perna”. Embora uma vez o cavalo escolhido por Antônio tenha, realmente, quebrado a perna, a frase me acompanha até hoje, como uma espécie de talismã. Escrevi alguns *leads*, como mandava Fraser Bond, o quê, como, onde, quando e, em alguns casos, acrescentando o quinto elemento: por quê. Usei verbos curtos, ágeis, caprichei para mostrar que pertencia àquilo ali, ao grande *Jornal do Brasil*. Era apenas um familiar desgarrado nas noites frias de Minas. Só perderia se quebrasse a perna!

Deu certo. Araújo ergueu os olhos do texto, que lera atentamente, e disse: “Você é jornalista, garoto”. Foi um grande momento. E acrescentou, logo em seguida, já sem o texto nas mãos: “Vou arranjar alguma coisa pra você em outro jornal, para ir tocando a vida, e, quando houver uma vaga aqui, ela é sua”.

Assim fui parar no *Diário da Noite*, um tabloide dirigido por Alberto Dines. Acordava de madrugada e chegava todos os dias antes do amanhecer. Era um jornal vespertino, que pedia um relógio biológico em sintonia com seus horários de produção. Deram-me um lugar de copy desk, a pessoa que reescrevia os textos dos repórteres para torná-los mais atraentes. Sentia-me valorizado, mas ansiava fazer mais. A rua me encantava, queria testemunhar os acontecimentos, não só reescrevê-los.

No livro de Fraser Bond, o copy desk instalava-se a uma mesa em forma de ferradura. No *Diário da Noite*, ocupávamos um canto da redação. A realidade do trabalho cotidiano ia se afastando

dos livros técnicos e ganhava outra forma de vida. Certa vez saí para uma reportagem em que deparei com algo que iria influenciar muito a história política do Brasil: um grupo de apoio à Revolução Cubana. E o pior foi que não entendi como o episódio, o enlace entre simpatizantes brasileiros e os revolucionários da Sierra Maestra, iria marcar nossa história. Estava buscando neles alguma coisa pitoresca, superficial: os homens vão deixar a barba crescer como os revolucionários cubanos?

As teias da Guerra Fria já estavam urdindo os destinos do mundo, a política nacional rumava para uma crise sem precedentes; eu era apenas um copy desk preocupado com a fluidez das histórias, caçando adjetivos e eufemismos como se alvejam patos no tiro ao alvo do parque de diversões. E assim ficaria, feliz e mergulhado na profissão. Meu pai não queria que eu fosse jornalista nem poeta. Associava os dois a boemia, bares e cerveja, e ali estava eu, somente reescrevendo histórias, às vezes com algum lirismo, mas sempre dormindo cedo. O trabalho não justificava os medos de meu pai, embora ainda estivesse distante de seus sonhos para o meu futuro: o Banco do Brasil.

Minha situação no *Diário da Noite* era instável e não havia notícia de vaga no *JB*. Decidi voltar para casa, pelo menos por um tempo. Voltava confiante na minha capacidade profissional e certo de que o Rio era o lugar onde iria viver. Uma vida um pouco mais noctívaga, uma cidade um pouco mais ao sul... Além disso havia o mar, o vaivém das ondas, o movimento das marés, o cheiro de iodo...

Minha mãe ficou feliz quando me viu na porta com a mala. Mas aquele retorno só foi uma passagem, muito curta. A cidade se tornara pequena demais para mim. Eu já tinha feito de tudo ali e as alternativas eram desoladoras. Havia outros jornais, mas eram pobres. Refiz a mala e fui para Belo Horizonte, onde estava a matriz do *Binômio*.